

## **Agostinho: Deus é o próprio ser porque é imutável**

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Neste pequeno artigo trataremos dos fundamentos da teologia natural de Agostinho. Abordá-la-emos por tópicos. Antes de tudo, mostraremos que, em Agostinho, as criaturas são como que degraus que nos ascendem a Deus. Em seguida, tentaremos evidenciar que o conhecimento de Deus que nos é proposto por suas criaturas é um conhecimento negativo, ou seja, por meio delas conhecemos menos o que Deus é e mais o que Ele não é. Depois disso, esmeraremos por frisar que, embora as criaturas não nos deem a conhecer o que Deus é em si mesmo, pelas escalas de perfeições que elas nos apresentam, elas nos apontam para a existência de um ser supremo, suprema perfeição, que Deus é. Por fim, consoante a revelação do nome de Deus a Moisés, esforçar-nos-emos por patentear que, em Agostinho, Deus é o sumo ser porque é imutável.

Lançaremos mão de várias obras de Agostinho, citemos algumas: *A Trindade*, com tradução de Augustino Belmonte pela *Paulus*; *A Doutrina Cristã*, com tradução de Nair de Assis Oliveira, também pela *Paulus*, e *Confissões*, com tradução de Maria Luiza Jardim Amarante pela *Paulus*. Também disporemos dos clássicos de Étienne Gilson: *La Philosophie au Mon Âge. De Scot Érigène à Guillaume d'Occam* (1922), na versão modificada – *La Philosophie au Mon Âge. Dès Origines Patristiques à la Fin du XIV* – de 1944. A tradução que seguiremos, no caso, será a brasileira, feita por Eduardo Brandão e lançada pela editora *Martins Fontes*, em 1995: *A Filosofia na Idade Média*. Valer-nos-emos, além disso, da *História da Filosofia Cristã. Desde as Origens até Nicolau de Cusa* (1951) – parceria de Gilson com Philotheus Boehner –, trazida para o vernáculo pelo Prof. Raimundo Vier, em

1970, a partir da edição alemã: *Christliche Philosophie – von ihren Anfängen bis Nikolaus von Cues* (1952 a 1954).

Passemos à análise de Agostinho acerca das criaturas como degraus para Deus.

### 1. As criaturas são degraus para Deus

As criaturas, na concepção de Agostinho, são degraus para Deus, e o homem não foge à regra.<sup>1</sup> Por conseguinte, em Agostinho, o conhecimento das criaturas, inclusive do homem – para ser legítimo e se afastar de uma vã curiosidade – deve servir de degrau para o conhecimento de Deus.<sup>2</sup> Desta feita, o homem que se detém seja nas criaturas, seja em si mesmo, poderá até ser douto, mas jamais será sábio.<sup>3</sup> Ademais, as próprias criaturas, segundo nosso Agostinho, nos atestam que elas não são um fim em si mesmas, elas apontam, mormente por sua beleza, para algo que está acima delas:

Perguntei à terra, e esta me respondeu: “Não sou eu”. E tudo o que nela existe me respondeu a mesma coisa. Interroguei o mar, os abismos e os seres vivos, e todos me responderam: “não somos o teu Deus; busca-o acima de nós”. Interroguei o céu, o sol, a lua e as estrelas: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Pedi a todos os seres que me rodeiam o corpo: Falai-me do meu Deus, já que não sois o meu Deus; dizei-me ao menos alguma coisa sobre ele. E exclamaram: “Foi ele quem nos criou”. Para interrogá-los, eu os contemplava, e a sua resposta era a sua beleza.(...) Perguntei pelo meu Deus a toda a imensidão do universo, e esta me respondeu: “Eu não sou Deus, mas foi ele quem me fez”.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 172: “Todas as criaturas, inclusivamente as humanas, são simples degraus da escada que sobe a Deus.”

<sup>2</sup> AGOSTINHO. **A Trindade**. 2ª ed. Trad. Augustino Belmonte. Rev. Nair de Assis Oliveira e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995: XV, 2, 3: “Mencionei esta passagem do livro da Sabedoria para que nenhum fiel pense ter procurado em vão e inutilmente, alguns vestígios da excelsa Trindade, a qual procuramos quando procuramos a Deus, tendo-o feito primeiramente e como por degraus, nas criaturas, através de algumas trilógicas de seu gênero próprio, até chegarmos à mente humana.”

<sup>3</sup> AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 2002. II, 39, 57: “Todo aquele que subindo, assim, do mero aspecto dos corpos à inteligência da mente humana, ao encontrar essa mente mutável – pois por vezes ela é douta e por vezes é ignorante – mas que entretanto está posta em lugar sublime, entre a Verdade imutável que se encontra acima dela e as coisas mutáveis que se encontram abaixo, esse alguém – se não dirigir todas essas coisas ao louvor e amor do único Deus, de quem percebeu que procedem todas as coisas – poderá parecer douto, mas de modo algum será sábio.” (O itálico é nosso).

Destarte, será por meio das criaturas que devemos começar a nossa ascensão a Deus. De fato, mesmo não sendo perfeitas em sua beleza e sujeitas à mudança, elas – pela mesma beleza e ordem – nos ajudam a subir até o Belo, não sujeito à mudança e autor de toda beleza, conforme testimonia o próprio Agostinho, noutra passagem clássica do *Sermão 241*:

Interroga a beleza da terra, interroga a beleza do mar, interroga a beleza do ar que se dilata e se difunde, interroga a beleza do céu (...). Todas elas te respondem: olha-nos, somos belas. Sua beleza é um hino de louvor. Estas belezas sujeitas à mudança, quem as fez senão o Belo, não sujeito à mudança?<sup>5</sup>

Passemos às considerações de Agostinho no que concerne ao conhecimento negativo que obtemos da essência divina através das criaturas.

## 2. *O conhecimento negativo da essência divina*

Na verdade, só nos resta começar mesmo pelas criaturas, já que Deus em si mesmo é inatingível para nós na presente vida. Somos incapazes, no estado em que nos encontramos, de conhecer a sua natureza em si mesma. Ela permanece-nos inefável. D’Ele sabemos apenas que é Aquele acima do qual nada se pode pensar de maior e melhor.<sup>6</sup> De sorte que os nomes que damos a Deus não Lhe designam a essência em si mesma. Mesmo quando O chamamos de “inefável”, estamos dando-Lhe um nome inadequado, pois como nomear Aquele que é inominável, exatamente por ser inefável, de “inefável”? Em outras palavras, o que é inefável não pode, *ipso facto*, ser nomeado sequer de “inefável”, posto que inefável – que significa inexprimível – já é um nome e o que é “inefável” é indizível.<sup>78</sup> Portanto, diante de Deus em si

<sup>4</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. 2ª ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. X, 9.

<sup>5</sup> AGOSTINHO. *Sermão 241*. 2. In: *Catecismo da Igreja Católica*. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, Julho 2001. p. 23.

<sup>6</sup> *Idem*. *A Doutrina Cristã*. I, 7, 7: “Ao se representarem o único Deus entre todos os deuses – inclusive aqueles homens que imaginam, invocam e adoram outros deuses, seja no céu, seja na terra -, representam-no de tal modo sublime que a mente não consegue pensar coisa alguma de melhor e mais excelente.”

<sup>7</sup> *Idem*. *Ibidem*. I, 6, 6: “Em consequência, tampouco por inefável podemos denominar Deus, porque já pronunciamos algo ao dizer isso.”

<sup>8</sup> *Idem*. *Ibidem*: “Não sei que contradição de termos existe aí, porque se é inefável o que não pode ser expresso, não seria inefável o que se pode chamar de inefável.”

mesmo devemos preferir o *silêncio* à *palavra*.<sup>9</sup> Aliás, se existe algo que conhecemos com propriedade acerca de Deus em si mesmo, é saber que não podemos conhecê-lo: “(...) o próprio Pai do universo, do qual não há nenhum conhecimento na alma a não ser saber até que ponto o desconhece”<sup>10</sup>. N’outra passagem, Agostinho chega a dizer: “(...) Deus, a quem se conhece melhor ignorando (...)”<sup>11</sup>.

Todos os conceitos que damos a Deus derivam das suas criaturas e, justamente por isso, cabem primeiramente a elas e não a Deus.<sup>12</sup> Entretanto, não é um puro equívoco aplicar a Deus os nomes próprios das criaturas, visto que a própria Escritura o faz para facilitar a compreensão dos iniciantes.<sup>13</sup> Inobstante isso, deve-se ter sempre presente que tais nomes não expressam o que Deus é em si mesmo, posto que “De Deus pode dizer-se tudo, e tendo-se dito tudo, tudo fica longe de ser dito como deve ser”<sup>14</sup>. O próprio Agostinho assevera que as Sagradas Escrituras só adotam tais expressões para que, por meio delas, os iniciantes consigam subir, como que por degraus, às realidades divinas.<sup>15</sup> Além disso, quando se nomeia Deus de acordo com as suas criaturas, devem-se levar em conta as leis da razão e do ser, pois não seria lícito expor Deus a contradições, atribuindo-Lhe coisas inexistentes e impossíveis de ocorrerem até mesmo nas criaturas.<sup>16</sup> Ademais, não seria de acordo com a razão – e não se coadunaria com a excelência da natureza divina – predicar a Deus uma cor, por exemplo.<sup>17</sup> Muito mais grave ainda seria dizer que Deus gerou a si próprio, uma vez que, mesmo entre as criaturas, tal coisa afigura-se como absurda.<sup>18</sup> Passemos a analisar o que Agostinho arrazoia sobre a transcendência divina.

<sup>9</sup> *Idem. Ibidem*: “Tal conteúdo de expressões, procuremos evitá-lo com o silêncio, mais do que nos servindo de palavras de consenso.”

<sup>10</sup> AGOSTINHO. **A Ordem**. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008. II, XVIII, 47.

<sup>11</sup> *Idem. Ibidem*. II, XVI, 44.

<sup>12</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 173: “Todos os nossos conceitos derivam das criaturas corporais ou espirituais, e por isso se aplicam primariamente às coisas mutáveis e temporais.”

<sup>13</sup> AGOSTINHO. **A Trindade**. I, 1, 2: “Por isso empregou (A Sagrada Escritura) palavras tomadas das coisas corporais ao falar de Deus como, por exemplo, quando diz: Protegei-me à sombra de tuas asas.” (O parêntese é nosso).

<sup>14</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. I. XIII, 5.

<sup>15</sup> *Idem. A Trindade*. I, 1, 2: “Com a finalidade de purificar o espírito humano de semelhantes erros a santa Escritura, acomodando-se aos pequenos, não evitou expressões designando esse gênero de coisas temporais, mediante as quais nosso entendimento, como que alimentado, pudesse ascender por degraus, às coisas divinas e sublimes.”

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*: “Em se tratando de coisas inexistentes, a Escritura não registrou expressão alguma que envolvesse locuções figurativas ou encerrasse enigmas. (...) Conjeturam (Facções heréticas ou pagãs) a respeito de Deus elementos que não se encontram nele mesmo, nem em criatura alguma.” (O parêntese é nosso).

<sup>17</sup> *Idem. Ibidem*. I, 1, 1: “Quem julga, por exemplo, que Deus é branco ou louro, engana-se, ainda que de qualquer maneira encontremos acidentes no corpo.”

### 3. *A transcendência e incompreensibilidade do ser divino*

Importa dizer que Deus transcende o nosso ser e, por isso mesmo, o nosso entendimento.<sup>19</sup> Sendo assim, na medida em que o nosso pensamento reflete sobre Deus, paradoxalmente se afasta dEle, porque descobre que Ihe é inapreensível<sup>20</sup>, uma vez que, como diz Agostinho, “se o compreendesses, ele não seria Deus”<sup>21</sup>. Com efeito, o nosso espírito não consegue apreendê-lo senão de forma indistinta e como que por um espelho, o espelho das criaturas.<sup>22</sup> Ora, se não compreendemos nem a nossa alma racional com perfeição, como podemos esperar compreender uma natureza que a transcende infinitamente?<sup>23</sup> Assim, todos os nossos pensamentos e conceitos a respeito de Deus nos remetem para algo que está acima deles, visto que, oriundos em última instância das criaturas, não podem exprimir o que as transcende absolutamente. Resume Agostinho: “Não se nota pobreza maior do que quando se trata de dizer o que Deus é. Se procurais um nome conveniente, não o encontrais (...)”<sup>24</sup>. Numa passagem do *Enarrationes in Psalmos*, Agostinho descreve com maestria a inefabilidade divina e como Deus está acima de todas as suas criaturas e de tudo quanto podemos pensar acerca dEle:

Pense o homem o que quiser: um ser criado não se compara ao criador. Exceto Deus, tudo o que realmente existe foi feito por Deus. Quem pode calcular exatamente a distância entre o criador e a criatura? (...). Deus é inefável [*Deus ineffabilis est*]. É mais fácil exprimir o que não é do que aquilo que é [*facilius dicimus quid non sit, quam quid sit*]. Pensas na terra [*Terram cogitas*]. Deus não é isto [*non est hoc Deus*]. Pensas no mar [*mare cogitas*]. Deus não é isto [*non est hoc Deus*]. Em tudo que existe na terra, homens e animais [*omnia quae sunt in terra, homines et animalia*]. Deus não é isto [*non*

---

<sup>18</sup> *Idem. Ibidem*: “Quem, porém, pensa que Deus é dotado de tal força que tenha gerado a si mesmo, incorre em maior erro ainda, já que Deus não somente não é assim, e tampouco é uma criatura espiritual e corporal. Não há criatura que seja capaz de gerar a si mesma para existir.”

<sup>19</sup> BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã* p. 173: “Assim Deus transcende o nosso entendimento na mesma proporção em que transcende o nosso ser.”

<sup>20</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*. V, 1, 1: “Pois nosso pensamento, ao refletirmos sobre Deus Trindade, sente-se distanciado daquele em quem pensa e não consegue apreendê-lo tal como ele é.”

<sup>21</sup> AGOSTINHO. *Sermão 52*. 6, 16. In: *Catecismo da Igreja Católica*. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, Julho 2001. p. 70.

<sup>22</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*: “Pois como está dito: Ele é visto apenas em espelho e de maneira confusa (I Co 13, 12) (...)”.

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem*. V, 1, 2: “Ora, o que não chegamos a entender a respeito de nossa parte mais nobre, não devemos procurar com relação a Deus, que é imensamente superior ao que temos de melhor.”

<sup>24</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus*. XIII, 5.

*est hoc Deus*]. Tudo que existe no mar, que voa nos ares [*omnia quae sunt in mari, quae volant per aerem*]. Deus não é isto [*non est hoc Deus*]. Tudo o que brilha no céu, as estrelas, o sol e a lua [*quidquid lucet in coelo, stellae, sol et luna*]. Deus não é isto [*non est hoc Deus*]. No próprio céu [*ipsum coelum*]. Igualmente não é Deus [*non est hoc Deus = Deus não é isto*]. Pensa nos Anjos, Virtudes, Potestades, Arcanjos, Tronos, Sedes, Dominações. Deus não é isto [*non est hoc Deus*]. E o que é então? [*Et quid est?*] Somente pude declarar o que não é [*solum potui dicere, quid non sit*]. Perguntas o que é? [*Quaeris quid sit?*] O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu (I Co 2, 9).<sup>25</sup>

De forma que o mais longe que podemos chegar nesta busca, é reconhecer a incompreensibilidade divina.<sup>26</sup> Agostinho chega a dizer que este reconhecimento é uma espécie de “douta ignorância (*docta ignorantia*)”<sup>27</sup>, pois, do contrário, tomando como Deus alguma de suas criaturas, cairíamos, fatalmente, em alguma idolatria, já que um *ídolo* [*eídon*] não é senão uma *ideia* [*ideos*] que transformamos em Deus. E como uma ideia é sempre expressa por uma palavra, Agostinho assevera acerca da própria palavra “Deus”:

“Deus” não é apenas as duas breves sílabas com que exprimimos o seu nome, nem nós veneramos essas duas breves sílabas, nem as adoramos, nem é a elas que pretendemos chegar.<sup>28</sup>

Por isso, diz ele noutra *Sermão*: “Deus está acima de tudo, do céu e da terra [*Superat omnia Deus, caelum et terram*] (...)”, e conclui na mesma perícopa, exclamando: “Despedaçai os ídolos de vossos corações”<sup>29</sup>. Com isso Agostinho exprime e nos adverte que a realidade de Deus em si mesmo está acima de todos os nossos pensamentos.

No entanto, a própria incompreensibilidade de Deus incita-nos a buscá-LO com maior ardor.<sup>30</sup> Entra cena o Doutor do Desejo. De fato, a partir do momento em que a alma atesta a existência de Deus, não se cansa mais de procurar desvendar-Lhe os mistérios.<sup>31</sup> Aliás, buscar

<sup>25</sup> AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos**. Trad. Monjas Beneditinas. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. v. II. 85, 12, 8.

<sup>26</sup> *Idem*. **A Trindade**. XV, 2, 2: “Com efeito, é assim que as realidades incompreensíveis devem ser procuradas, de modo que não considere ter encontrado, aquele que compreende quão incompreensível é o que busca.”

<sup>27</sup> AGOSTINHO. **Epistola 130**. 15, 28. Disponível em <<http://www.augustinus.it/latino/lettere/index2.htm>>. Acesso em: 08/04/2012.

<sup>28</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de João: Medico e Alimento**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. II. XXIX, 4.

<sup>29</sup> AGOSTINHO. **Sermo 223 A**. 5. Disponível em <<http://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm>>. Acesso em: 08/04/2012.

<sup>30</sup> *Idem*. **A Trindade**. XV, 2, 2: “Procura-se para que sua descoberta seja mais gratificante, e encontra-se para que sua procura seja feita com mais avidez.”

a Deus de acordo com as nossas forças faz parte da piedade.<sup>32</sup> De maneira que a inteligência deve estar sempre voltada para a busca de Deus, pois este é o fim último da criatura racional. É o que conclui Agostinho: “Logo, é para isto que o homem deve ser inteligente: para buscar a Deus”<sup>33</sup>.

Passemos às considerações de Agostinho acerca do que podemos conhecer de Deus por meio das suas criaturas.

#### *4. O que podemos conhecer de Deus por meio das suas criaturas*

Agora bem, conquanto não possamos conhecer a Deus em si mesmo, podemos – já o sabemos – conhecê-LO a partir das suas criaturas.<sup>34</sup> Cumpre notar, todavia, que, por meio delas, conseguimos saber menos o que Deus é do que o que Ele não é. Mas isso já é um exercício de piedade, pois nos ajuda a evitar pensar que Deus é o que Ele não é.<sup>35</sup> Ademais, percebemos nas criaturas algo que pode realmente erguer-nos delas para a Deus, a saber, os seus diversos graus de perfeição e contrastes. Por exemplo, o bem e o mal se encontram nas coisas. Ora, não hesitamos em preferir o bem em detrimento do mal e nem o mais perfeito em vez do menos perfeito.<sup>36</sup> Além disso, a própria escala dos seres está a nos apontar – como já vimos acima – para a existência de um sumo ser, criador e governador de todos eles. Ora bem, este primeiro e sumo ser é Deus. É Ele, de fato, o Criador que, na sua radical contingência, todas as coisas reclamam.<sup>37</sup> É a Ele, pois – o Criador de todas as coisas – a quem devemos atribuir o sumo grau daquelas perfeições que encontramos limitadas e dispersas nas criaturas:

<sup>31</sup> BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã* p. 173: “Uma vez descoberta a existência de Deus, o nosso amor anseia por erguer o véu dos mistérios divinos (...)”.

<sup>32</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*. V, 1, 2: “E contudo, não há temeridade alguma para a piedade dos fiéis inflamar-se pelas coisas divinas e inefáveis colocadas acima de nós.”

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem*. XV, 2, 2.

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem*. XV, 2, 3: “Demoramo-nos sobejamente nas coisas criadas por Deus, para por meio delas conhecermos aquele que as criou (...)”.

<sup>35</sup> *Idem. Ibidem*. V, 1, 2: “Todo aquele que refletir sobre Deus deste modo, embora não chegue a conhecer plenamente o que ele é, contudo – enquanto pode – como homem piedoso, evitará pensar dele, o que ele não é.”

<sup>36</sup> BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã* p. 173: “Não hesitamos em dar preferência ao que é bom e mais perfeito.”

<sup>37</sup> AGOSTINHO. *A Trindade*. XV, 4, 6: “(...) toda a natureza que nos cerca e à qual pertencemos, proclama que reconhece a existência de um Criador excelso.”

a vida, o entendimento, a imutabilidade, a espiritualidade, o poder, a beleza, a justiça, a excelência e a felicidade:

E porque antepomos, sem qualquer sombra de dúvida, o Criador às coisas criadas, é preciso que confessemos que é a própria vida em plenitude, que tudo percebe e entende; que não pode morrer, corromper-se ou mudar-se; que não é dotado de corpo, mas é espírito, sumamente poderoso, justo, belo, ótimo e o mais feliz entre todos os espíritos.<sup>38</sup>

Passemos à análise da concepção de Agostinho que toca ao ser divino.

## 5. “Eu Sou Aquele que Sou”

Importa dizer que os nomes que mais se coadunam com Deus são o de *substância* e *essência*.<sup>39</sup> Ora, o termo essência (*essentia*) deriva de ser (*esse*). Logo, o nome *ser* é o nome por excelência para designar a majestade divina.<sup>40</sup> Por quê? Vejamos. Moisés, ao perguntar ao próprio Deus o Seu nome, escutou dEle a seguinte resposta: “Eu Sou Aquele que Sou” ou “Eu sou Aquele que É”<sup>41</sup>. Eis uma primeira resposta, mas tentemos entendê-la dialeticamente.

Analisemos. Para Agostinho, *ser* é ser imutável. Por conseguinte, segundo ele, ser verdadeiramente é ser sempre o que se *é* e ser sempre da mesma maneira, sem qualquer possibilidade de mudança. Diz textualmente: “(...) apreenda a inteligência o que é ser verdadeiramente. O ser é sempre do mesmo modo”<sup>42</sup>. E afirma ainda: “Qualquer coisa, por mais excelente, se é mutável, não *é* em rigor da verdade. Não há verdadeiro *ser* onde há também o *não ser*”<sup>43</sup>. Ora, só Deus é imutável desta forma, conforme também afere o Doutor

<sup>38</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>39</sup> Numa passagem célebre do *De Trinitate*, Agostinho chega a dizer que, de certo modo, o nome essência cabe propriamente somente a Deus: *Idem. Ibidem.* VII, 5, 10: “Deve-se atribuir-lhe o termo mais próprio de ‘essência’, o qual se aplica verdadeira e propriamente a ele. Isso de tal modo que talvez somente Deus seja uma essência. É ele de veras o único que *seja* realmente, por ser imutável. E foi esse o nome por ele revelado a seu servo Moisés quando disse: Eu sou o que sou/ e lhe dirás: Aquele que é, enviou-me a vós (Ex 3, 14).”

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem.* V, 2, 3: “Deus é, sem dúvida, uma substância ou (se o termo for mais adequado) uma essência, a qual os gregos denominavam ‘ousia’. (...) assim ‘essência’ é termo derivado do verbo ser (esse).”

<sup>41</sup> *Idem. Ibidem.*: “E de quem se pode dizer com mais propriedade que ‘é’, senão daquele que disse a seu servo Moisés: *Eu sou o que sou, e: Dirás aos filhos de Israel: Aquele que é, enviou-me a vós* (Ex 3, 14)”.

<sup>42</sup> AGOSTINHO. *Comentário ao Evangelho de João: Luz, Pastor e Vida*. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960. v. III. XXXVIII, 10.



de Hipona: “Pensa em Deus, e encontrarás o ‘é’ e nele não pode haver ‘foi’ nem ‘será’”<sup>44</sup>.  
 Onde só Ele ser o próprio Ser (*Ipsum Esse*), porque só Ele é a própria *imutabilidade*,  
 segundo ressalta ainda o mesmo Agostinho:

É ele deveras o único que *seja* realmente, por ser imutável. E foi esse o nome por ele revelado a seu servo Moisés quando disse: Eu sou o que sou e lhe dirás: Aquele que é, enviou-me a vós (Ex 3, 14).<sup>45</sup>

Ao comentar a passagem em que Cristo disse *Se não credes que eu sou* (Jo 8, 24), o Bispo de Hipona acentua a absoluta simplicidade do ser divino:

Que quer isto dizer? *Se não credes que eu sou!* Que *eu sou* o quê? Nada acrescentou, e porque nada acrescentou, deu grande ensinamento. Esperava-se que ele dissesse o que era, e nada disse.<sup>46</sup>

Destarte, se Deus assim é – *ser inteiramente simples*, porque imutável de modo inamissível – todas as nossas expressões em relação a Ele, ainda que se diversifiquem entre si, quando aplicadas a Ele, devem-se referir a uma só e mesma realidade.<sup>47</sup>

Esmeremos por tentar entender d’outro modo este ideal. Procedamos da seguinte forma. Antes de tudo, reduzamos a doze os nomes que predicamos a Deus segundo a sua substância: eterno, imortal, imperecível, imutável, vivo, sábio, poderoso, belo, justo, bom, feliz e espírito.<sup>48</sup> Ora, todos estes nomes (predicados), ratificamos, devem ser atribuídos a Deus segundo a Sua substância ou essência.<sup>49</sup> Distribuamos, agora, estes mesmos doze enunciados em três grupos de quatro, sendo que, em cada grupo, um dos enunciados determina os restantes.<sup>50</sup> Ora, fazendo isso verificamos que os doze, em última instância, acabam resumindo-se em três, e estes três, por sua vez, podemos reduzi-los a um, que

<sup>43</sup> *Idem. Ibidem.* AGOSTINHO. **A Trindade**. V, 2, 3: “Tudo o que muda não conserva o ser em si mesmo e o que pode mudar, mesmo que não mude, pode ser o que antes não tinha sido. Assim, somente ao que não muda e não pode de forma alguma mudar, pode-se afirmar, sem escrúpulos, que verdadeiramente é o Ser.”

<sup>44</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de João: Luz, Pastor e Vida**. XXXVIII, 10.

<sup>45</sup> *Idem.* **A Trindade**. VII, 5, 10. GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 148: “Ser verdadeiramente é ser sempre da mesma maneira (...). Ora, somente Deus é sempre o mesmo; logo, ele é o Ser, porque é a imutabilidade.”

<sup>46</sup> AGOSTINHO. **Comentário ao Evangelho de João: Luz, Pastor e Vida**. XXXVIII, 8.

<sup>47</sup> *Idem.* **A Trindade**. XV, 5, 7: “É uma e mesma coisa quando se diz: Deus é eterno, imortal, incorruptível, imutável. Assim como quando se afirma que é vivente, inteligente, ou seja, sábio.”

<sup>48</sup> *Idem. Ibidem.* XV, 5, 8: “Portanto, se dizemos: ‘Eterno, imortal, incorruptível, imutável, vivo, sábio, poderoso, belo, justo, bom, venturoso, espírito’ (...).”

<sup>49</sup> *Idem. Ibidem.*: “Pois, tudo o que se afirma com relação às qualidades (em Deus), há de se entender segundo a substância ou essência.” (O parêntese é nosso).

<sup>50</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã** p. 174: “Estes doze enunciados podem dividir-se em três grupos. Em cada um deles, um dos quatros predicados serve de base para os restantes.”

expressará a mesma e única realidade.<sup>51</sup> Este nome único será, portanto, aquele que menos imperfeitamente expressará a essência ou substância divina, pois incluirá todos os demais, já que todos os outros são aplicados a Deus – conforme vimos – segundo a sua Substância (*substantia*) ou essência (*essentia*). Ora, este nome já nos é conhecido: é “Aquele que é”. Por conseguinte, é que ele indica, mais do que qualquer outro, a absoluta imutabilidade e simplicidade de Deus.

Passemos às considerações finais deste texto.

### *Conclusão*

Para Agostinho, as criaturas são como degraus que nos ascendem a Deus. Por sua beleza parcial, seu ser sujeito a mudanças, suas perfeições e até os seus contrastes, elas nos apontam para o Belo, para um ser não sujeito à mudança e que é preferível a todas as coisas. Contudo, o conhecimento que nos transmitem sobre Deus, não nos faz conhecer o que Ele é em si mesmo, pois as perfeições que encontramos nas criaturas e depois aplicamos a Deus, por mais que as desprendamos das criaturas, sempre expressarão mais o modo de ser das criaturas do que o modo segundo o qual existem em Deus. Ademais, o nosso intelecto é finito, ele próprio sujeito a mudanças, uma das vezes é sábio d’outras, ignorante. Sendo assim, como pode pretender exprimir aquele que é sumamente imutável? Porém, o conhecimento que adquirimos a partir das criaturas não é todo inútil; ao contrário, ele nos incita a buscarmos a Deus com maior afinco e solicitude. De resto, aquele que, ao se deparar com as criaturas, começa a preferi-las ao seu Criador, pode até se tornar douto, mas nunca será sábio.

É interessante destacar que, em Agostinho, tanto o conhecimento de Deus que obtemos pelas criaturas quanto a sua transcendência em relação aos nossos conceitos, fundamentam-se na sua concepção de que ser e ser imutável são uma só coisa. Agora bem, esta convicção ele a reporta à Revelação divina, segundo a qual Deus se revelou a Moisés como sendo *Aquele que é*. Desta feita, como imperfeito só pode proceder do perfeito, é claro que as criaturas, sendo mutáveis, nos remetem *Aquele que é* sempre o mesmo. Por outro lado,

---

<sup>51</sup> AGOSTINHO. **A Trindade**. XV, 6, 9: “Reduzimos as doze perfeições a esse pequeno número de três, mas talvez possamos reduzir ainda os três a uma só delas. (...) Por isso, como não havia inconveniência de falarmos em doze ou em três, quando reduzimos os muitos atributos a poucos, assim não há diferença em dizermos três ou um, pois demonstramos que os outros dois podem reduzir-se também à unidade.”

como todos os conceitos que aplicamos a Deus retiramos das criaturas, todos eles expressam primeiro a elas e só depois a Deus. Ora, como todas as criaturas, inclusive o homem, são sujeitas a mudanças, por mais elevados que sejam os nossos conceitos oriundos delas, eles jamais poderão exprimir a essência divina em si mesma, posto que esta é absolutamente imutável. Por isso que os nomes que aplicamos a Deus, por mais que se diversifiquem, devem ser predicados a Ele segundo a sua imutabilidade, isto é, como pertencendo a uma única e mesma realidade.

## **BIBLIOGRAFIA**

AGOSTINHO. **A Doutrina Cristã**. Trad. Nair de Assis Oliveira. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Ordem**. Agostinho Belmonte. Rev. Joaquim Pereira Figueiredo. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**. 2ª ed. Trad. Augustino Belmonte. Rev. Nair de Assis Oliveira e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Evangelho de João: O Verbo de Deus**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. I.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Evangelho de João: Medico e Alimento**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1954. v. II.

\_\_\_\_\_. **Comentário ao Evangelho de João: Luz, Pastor e Vida**. 2ª ed. Trad. José Augusto Rodrigues Amado. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1960. v. III.

\_\_\_\_\_. **Comentário aos Salmos**. Trad. Monjas Beneditinas. Rev. H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997. v. II.

\_\_\_\_\_. **Confissões**. 2ª ed. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante. Rev. Antônio da Silveira Mendonça e H. Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. **Epistola 130**. Disponível em <<http://www.augustinus.it/latino/lettere/index2.htm>>. Acesso em: 08/04/2012.

\_\_\_\_\_. **Sermão 52**. In: **Catecismo da Igreja Católica**. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, Julho 2001.

\_\_\_\_\_. **Sermo 223 A**. Disponível em <<http://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm>>. Acesso em: 08/04/2012.

\_\_\_\_\_. **Sermão 241**. In: **Catecismo da Igreja Católica**. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, Julho 2001.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. Rev. Carlos Eduardo Silveira Matos. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 142 a 158.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 172 a 174 e 203 e 204.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.